

## O papel da criatividade na tradução de textos não literários\*

Marina Pankow dos Santos  
Tradutora e Professora na Universidade Lusófona

**Resumo:** Partindo de uma breve reflexão sobre a dificuldade em estabelecer uma fronteira rigorosa entre a tradução literária e um determinado tipo de tradução não literária, também denominada técnica ou científica, o presente artigo aborda algumas questões ligadas à tradução de textos académicos da área das Ciências Sociais e Humanas, do alemão para o português.

**Zusammenfassung:** Ausgehend von einer kurzen Erwägung über die Schwierigkeit eine klare Grenze zwischen einer literarischen und einer nicht literarischen Übersetzung, das heißt, zwischen einer sogenannten technischen, bzw. wissenschaftlichen Übersetzung zu ziehen, werden in diesem Artikel einige Fragen zur Übersetzung von dem Deutschen ins Portugiesische aus dem Gebiet der Geisteswissenschaften erörtert.

**Palavras-Chave:** Tradução literária, Tradução técnica, Fidelidade, Criatividade, Terminologia especializada

Apesar da revolução que a ideia de tradução sofreu nas últimas décadas do século XX, na sequência da qual a sua prática passou a ser encarada como uma actividade indiscutivelmente criativa, o que é certo é que a criatividade continua a ser um conceito pouco associado à tradução.

Durante muitos anos, considerou-se que a criatividade era um atributo exclusivo dos autores dos textos. Aos tradutores exigia-se rigor e fidelidade e à tradução que fosse literal. Quando não havia qualquer hipótese de paralelismo

---

\* Comunicação apresentada ao 2º Congresso Internacional de Tradução, realizado em Lisboa em Maio de 2005, sob a organização da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

formal entre as duas línguas em questão, negava-se a possibilidade de tradução e qualquer tentativa mais criativa era apelidada de traição. As conhecidas expressões «les belles infidèles» ou «traduttore/traditore» são exemplos eloquentes da concepção de tradução como traição ao original, bem como da ideia do «intraduzível».

Os Estudos de Tradução (Translation Studies), iniciados nos anos 70 do século XX, por um grupo de académicos de Tel Aviv, liderado por Itamar Even-Zohar, e que entretanto constituem uma disciplina universitária de pleno direito, vieram questionar a noção tradicional de tradução, que se encontrava profundamente enraizada.

Salientando o papel que a tradução literária tem desempenhado na evolução das culturas nacionais, Even-Zohar e os seus seguidores reabilitaram o texto de chegada conferindo-lhe um estatuto equiparável ao do texto de partida e puseram fim ao dogma da fidelidade ao original.

Decorridos cerca de 30 anos sobre o trabalho pioneiro deste grupo, trabalho esse que tem sido desenvolvido por académicos mais recentes, a prática da tradução literária é hoje encarada como uma actividade criativa. Por sua vez, o produto dessa actividade — o texto traduzido — deixou de ser visto como uma cópia inferior, incapaz de reproduzir integralmente «o espírito» do texto de partida, para passar a ser encarado como uma reescrita necessariamente criativa desse texto.

Lamentavelmente, as referidas conquistas não chegaram a afectar a visão prevalecente sobre tradução não literária, globalmente designada por tradução técnica ou científica e tradicionalmente encarada como um parente pobre da tradução literária. O evidente desinteresse dos académicos por esta forma menos «elevada» de tradução manifesta-se, desde logo, pela ambiguidade e pela enorme abrangência da sua classificação. Aparentemente, o facto de não se tratar de um texto literário, é suficiente para que a tradução seja classificada como tradução técnica, independentemente de se tratar de um ensaio académico, de um contrato jurídico, de um tratado político, de um manual do utilizador, de um documento de carácter comercial ou industrial, de um compêndio técnico ou de um relatório.

Embora não pretenda abordar cada uma destas áreas de especialização, o objectivo desta comunicação é desafiar a aparente incompatibilidade entre o conceito de criatividade e o de tradução técnica ou científica. Para isso, irei recorrer à minha experiência profissional que, até agora, tem incidido maioritariamente sobre a tradução de textos da área das ciências humanas, do alemão para o português. Apesar de se tratar de uma área de especialização

cuja afinidade com a tradução literária é mais notória, isso não significa que as conclusões a que cheguei se reportem unicamente a esta área.

Os estudos sobre a natureza metafórica da linguagem em geral têm vindo a demonstrar a falibilidade da tradução baseada apenas em correspondências lexicais, independentemente da área específica a que se reporta. Há que reconhecer, no entanto, que determinados textos exigem uma maior fidelidade informativa, ou seja uma maior literalidade a nível da tradução, reduzindo ao mínimo a necessidade de criatividade por parte do tradutor.

Tomemos como exemplo (extremo) um manual de instruções para a utilização de um electrodoméstico: o texto a traduzir consiste normalmente numa série de indicações que, para além de pressuporem um bom conhecimento do vocabulário técnico específico, não colocam grandes problemas linguísticos ou estilísticos.

O caso é completamente diferente, se o texto a traduzir for um ensaio científico. Poder-se-ia pensar, dada a tradicional associação do domínio científico com o rigor e a objectividade, que a componente literária, geralmente ligada à criatividade, estaria ausente de um texto desta natureza, pelo que o melhor seria entregar o trabalho de tradução a um especialista na matéria. É o que acontece frequentemente, embora nem sempre com bons resultados.

Hayden White, um historiador norte-americano que se tem dedicado à investigação da natureza do discurso historiográfico, chegou à polémica conclusão de que os historiadores constroem o seu discurso recorrendo a estratégias puramente literárias — fazendo uso recorrente a tropos e configurando os dados históricos investigados de acordo com as convenções de determinado modelo literário. Num interessante ensaio intitulado «The Fictions of Factual Representation», White constrói a sua argumentação com base na análise de um dos grandes clássicos daquilo a que ele chama «the literature of fact»: *A Origem das Espécies* de Darwin. A tradução deste ensaio de Hayden White, que contém diversos excertos da obra de Darwin, não é fácil (sobretudo se o tradutor não quiser recorrer a uma tradução anterior de *A Origem das Espécies*), mas, ao contrário do que se possa pensar, não é a terminologia científica utilizada que causa as maiores dificuldades.

Paralelamente às propostas de White, surgiram também (em finais dos anos 70, princípios dos anos 80 do século XX) trabalhos teóricos na área da antropologia que questionavam a existência de um discurso pretensamente neutro e objectivo na etnografia, não contaminado pelas estratégias características da ficção.

O que se pretende demonstrar com estes exemplos é que, qualquer que seja a língua do texto de partida, a tradução científica apresenta algumas afinidades com a tradução literária e partilha muitos dos seus problemas.

No que respeita à tradução de obras de cariz ensaístico na área das Ciências Sociais, nomeadamente da História, Antropologia e Filosofia — e tendo o Alemão como língua de partida, há que dizer o seguinte:

Qualquer tradução do alemão para o português apresenta certas dificuldades, devido à complexidade das estruturas sintáticas daquela língua, à forma como estas se relacionam entre si e à sua diferença em relação à língua portuguesa. Estas dificuldades podem ser ultrapassadas através do recurso a determinadas estratégias, como por exemplo, a estratégia do enchimento ou expansão (em francês «étouffement»). Na tradução do alemão para o português, os exemplos mais relevantes da estratégia referida são os que envolvem advérbios e pronomes demonstrativos investidos de função anafórica. Um dos casos mais representativos é talvez o do advérbio alemão «dabei», para o qual é difícil encontrar uma correspondência literal igualmente sintética. A sua tradução tem necessariamente de ser feita em função do contexto, podendo corresponder às expressões portuguesas «nestas condições/nestas circunstâncias/ neste caso», ou então obrigar o tradutor a explicitar o referente co-textual, localizado no parágrafo anterior.

Para além disto, pode dizer-se que o discurso académico alemão se caracteriza, de uma maneira geral, por um registo de língua elevado e por um tom erudito que contrasta fortemente com a linguagem corrente. As frases são muito extensas e a sua estrutura sintáctica bastante complexa, com recurso frequente à hipotaxe, o que contribui para dificultar a leitura e, por consequência a tradução (que, como diz António Houaiss, no prefácio da sua tradução de *Ulisses* de James Joyce, é «a maneira mais atenta de ler»). Neste aspecto, verifica-se uma diferença notável entre a escrita ensaística dos académicos americanos e a dos alemães. Basta comparar Johannes Fabian, um historiador contemporâneo alemão que estudou na Alemanha, mas que tem desenvolvido o seu trabalho nos Estados Unidos da América, com os seus colegas de curso alemães (por exemplo Beatrix Heintze), para verificar que as suas obras são muito mais acessíveis e, por consequência, mais fáceis de traduzir.

Mas também no discurso académico alemão se verifica actualmente uma tendência no sentido de o tornar mais acessível — o que é perfeitamente compreensível. Nesta era de globalização da informação e da cultura, até mesmo

o tradicionalmente fechado universo académico alemão tende a abrir-se à influência estrangeira.

Um dos reflexos desta mudança é o abandono gradual, por parte de muitos dos investigadores alemães, dos termos de etimologia latina — característicos de um registo de língua elevado — e a sua substituição por palavras de origem germânica de uso corrente, o que constitui sem dúvida uma má notícia para os tradutores portugueses, aos quais os referidos vocábulos (mais parecidos com os portugueses) não causavam quaisquer dificuldades.

Para além deste pormenor, verifica-se que certos autores procuram aliviar o tom erudito da sua escrita com a inclusão esporádica e inesperada de expressões mais próximas da linguagem corrente, ou mesmo familiar. Esta súbita mudança de registo pode dificultar o trabalho de um tradutor inexperiente.

A tradução de textos provenientes de épocas mais recuadas coloca outro tipo de desafios.

Tomemos como exemplo os relatos do século XIX de exploradores alemães em África, como Max Buchner, Adolf Bastian ou Hermann von Wissmann, que em breve serão publicados em português. Estes pioneiros da etnografia (disciplina nascida precisamente no século XIX) partiam para África ao serviço de instituições académicas ou coloniais para estudar o continente ainda largamente desconhecido e os seus povos que eles acreditavam representar uma fase recuada na evolução da humanidade. A maior parte destes viajantes tinha uma formação científica (na área da medicina, geologia, botânica, astronomia ou etnologia) e pretendia dar aos seus relatos um carácter correspondentemente científico. Por outro lado, viam-se na obrigação de tornar os relatos interessantes aos olhos do público europeu (geralmente leigo). Isto exigia uma linguagem mais acessível e uma ênfase no aspecto aventureiro do empreendimento e no carácter exótico daquelas regiões e dos seus habitantes. Os seus textos apresentam, por isso, grandes afinidades com a literatura de viagens, pelo que a fronteira entre o literário e o não literário é ainda mais difícil de traçar. O tradutor tem de contar com um discurso altamente figurativo, embora perpassado por termos técnicos próprios das diversas áreas de especialização referidas. Entre as dificuldades que se colocam ao tradutor encontra-se, neste caso, a ocorrência de arcaísmos a nível do léxico e de estruturas sintácticas entretanto caídas em desuso. Parte destes problemas podem ser solucionados nomeadamente através da leitura prévia de relatos de exploradores portugueses da mesma época (como Capello e Ivens, Serpa Pinto ou Henrique Dias de Carvalho) ou da consulta de dicionários mais antigos.

Importante é também respeitar a terminologia da época, mesmo quando esta se tornou entretanto «politicamente incorrecta». Assim, num texto do século XIX, a tradução correcta de «die Eingeborenen» é «os indígenas» e não «os nativos», e a de «die Neger» é «os pretos» e não «os africanos»!

De um modo geral, pode dizer-se que uma tradução deste tipo exige do tradutor um enorme trabalho de pesquisa e documentação, semelhante ao que é necessário a uma tradução puramente técnica, acrescido do talento e criatividade requeridos por uma tradução literária.

Por último, gostaria ainda de fazer uma breve referência à tradução de textos de cariz filosófico do alemão para o português. Trata-se de um trabalho difícil que exige grande concentração e um perfeito domínio das duas línguas. Geralmente é realizado por pessoas formadas em filosofia, que têm a vantagem de dominar a terminologia específica, mas cujo conhecimento do alemão nem sempre é suficiente. Contrariamente ao que se possa pensar, a questão do vocabulário filosófico não é a que maiores dificuldades oferece ao tradutor profissional sem formação específica na área da filosofia. As dificuldades terminológicas podem ser ultrapassadas com a ajuda de alguém com formação académica nesta área e através da consulta de glossários elaborados e publicados por alguns «filósofos/tradutores» (por exemplo como apêndice de determinada obra traduzida). Igualmente aconselhável é a consulta de boas traduções para o português de outras obras do mesmo autor. Isto porque no caso da filosofia, tal como nos outros domínios de especialização, existe uma terminologia adoptada que o tradutor tem de respeitar — mesmo que esta não lhe pareça a mais adequada. Assim, numa tradução de Kant, por exemplo, «Erkenntnisvermögen» terá de ser traduzido por «faculdade de conhecer», «Anschauung» por «intuição», «Sinneswelt» por «mundo sensível», «Vernunft» por «razão» e «Verstand» por «entendimento».

Como referimos no início, a nossa análise circunscreve-se à tradução de textos de natureza muito específica, inseridos no domínio das ciências sociais e humanas. A transposição do alemão para o português de obras de carácter predominantemente técnico, em que imperam os critérios de objectividade e clareza, exige, como também foi mencionado, uma maior literalidade. Isto não significa, contudo, que se menosprezem as diferenças que se verificam entre as duas línguas, quer a nível da estrutura da frase quer em termos da concretização das regras de coesão textual. Para obter um resultado satisfatório neste domínio (e isto vale para qualquer área de especialização), o tradutor tem de conhecer

profundamente o funcionamento, os recursos e as *nuances*, tanto da língua alemã como da língua portuguesa e, volto a afirmá-lo, recorrer à sua criatividade!

**Bibliografia:**

- Bassnett, Susan (1993), «From Comparative Literature to Translation Studies», in *Comparative Literature: A Critical Introduction*, Oxford, Basil Blackwell.
- Clifford, James e Marcus, George E. (eds.) (1986), *Writing Culture: the Poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley, University of California Press.
- Duarte, João Ferreira (2001), «Tradução e Expropriação Discursiva: The Lusiad, de W.J.Mickle» in Buesco, H., Duarte, J.F., Gusmão, M., (eds.), *Floresta Encantada: Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Ferreira, M<sup>a</sup> Adelaide, Hörster, M<sup>a</sup> Antónia, (1988), «Do Alemão ao Português: Estratégias de «Enchimento»», in *RUNA. Revista portuguesa de Estudos Germanísticos*, n<sup>o</sup>15/16 de 1991, pp. 169-182.
- Heintze, Beatrix (1996), «Übersetzungen als historische Quellen» in *Studien zur Geschichte Angolas im 16. und 17. Jahrhunderts*, Colónia, Rüdiger Köppe Verlag, pp. 37-47.
- Ladmiral, Jean René (ed.) (1980), *A tradução e os seus problemas*, trad. Luísa Azuaga, Lisboa, Edições 70.
- Pais, Carlos Castilho (ed.) (1997), *Teoria Diacrónica da Tradução Portuguesa: Antologia*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Steiner, George (1975), *After Babel*, Londres e Nova Iorque, Oxford University Press.
- White, Hayden (1976), «The Fictions of Factual Representation» in Fletcher, Angus (ed.), *The Literature of the Fact*, Nova Iorque, Columbia University Press.